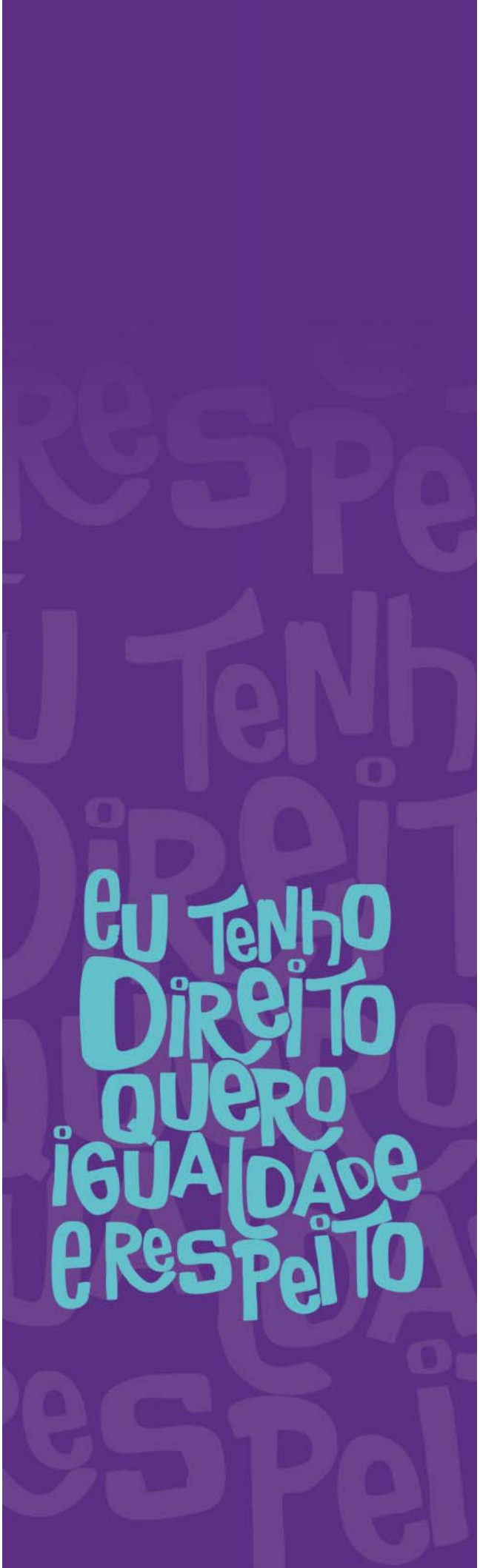
CLAMU
te visita

uma
construção
coletiva
para a igualdade
e a equidade
de gênero

Rel UíTA



Na Secretaria Regional da UITA, um importante número de mulheres trabalhadoras e sindicalistas estão liderando os movimentos de luta e solidariedade, neste novo cenário que paira sobre a humanidade.

Isto fez com que surgisse a ideia de um aprofundamento maior sobre suas experiências, ressaltando os avanços e deixando claro o que é preciso melhorar.

Por isso, habilitamos pontos de encontro para conhecer, em primeira mão, os seus trabalhos e sua militância no empoderamento de seus pares, dentro e fora da organização sindical.

As fortalezas são construídas a partir do conhecimento e da troca de experiências! E isso foi **A CLAMU te visita!**

Um espaço para **visibilizar as necessidades e propostas das mulheres e da comunidade LGBTI da UITA**, promovendo a liderança e participação da mulher na tomada de decisões nos diferentes níveis da organização sindical.

Clamu

UNION TO UNION
LO, TCO & SACO GLOBAL

Rel UITA

Palavras de abertura de Rosecléia Castro

“ESTAMOS MAIS EMPODERADAS DO QUE NUNCA”

No último sábado, dia 11 de julho, o Comitê Latino-Americano da Mulher da **UITA (Clamu)** realizou seu primeiro seminário virtual, do qual participaram 27 dirigentes sindicais de 9 países da região. O encontro serviu para planejar as atividades de socialização e experiências entre as filiadas em matéria de gênero e diversidade.

Entre os presentes estava **Rosecleia Castro**, vice-presidenta do **Comitê Executivo Latino-Americano da UITA**, que emocionou todas e todos com sua mensagem. A seguir, transcrevemos o essencial de sua participação.

«Estou super emocionada com essa equipe de mulheres e homens que aqui reunimos hoje neste seminário, apesar do momento terrivelmente complicado que estamos vivendo.

No Brasil, mais de 70 mil mortes por Covid-19 já foram contabilizadas.

Eu não parava de contar os minutos para esta reunião começar logo, porque eu queria vê-las. Esses encontros nos fortalecem. Muito obrigada por este espaço. Sempre saio dessas reuniões mais forte.

Gostaria especialmente de agradecer à companheira Jaqueline (**Leite**), que com seu trabalho mudou até a forma de atuar das mulheres da **Rel UITA**. A gente está com muita mais vontade.

Se vocês soubessem a emoção que sinto e o prazer de compartilhar este espaço com vocês!

Quero agradecer à **UITA** por nos dar esse lugar, que é um presente e que sinaliza estarmos indo pelo caminho certo. Pela primeira vez, vejo as mulheres, em nossa regional, verdadeiramente empoderadas.

De coração, digo que vocês deram sentido ao nosso trabalho. Portanto, eu também gostaria de pedir a vocês que continuem com essa tarefa, que continuemos a incluir mulheres e homens em nossa luta, e que continuemos abrindo os sindicatos para a diversidade.»

“AS MULHERES NA PRIMEIRA FILA DAS REDES DE LUTA E SOLIDARIEDADE”

No dia 11 de julho passado, foi realizado o primeiro Seminário Virtual de Mulheres da Rel UITA, com a participação de 27 dirigentes de nove países da região.

AMALAIA ANTÚNEZ

Foto: Gerardo Iglesias

"Eu mesma nunca cheguei a entender direito o que quer dizer feminismo: só sei que as pessoas me chamam de feminista toda vez que expresso sentimentos que me diferenciam de um capacho".

Rebecca West

Impulsionadas pelo contexto, claramente desfavorável às mulheres e às minorias, as dirigentes sindicais de nossa internacional vêm desenvolvendo diferentes tarefas de participação nas atividades sindicais e sociais, a fim de enfrentar o novo cenário que paira sobre o mundo.

O Comitê Latino-Americano da Mulher da **UITA (Clamu)** promove ações que permitem abrir novos espaços para a troca de experiências, para o empoderamento das mulheres dentro de seus sindicatos, e também para destacar sua importância na comunidade a que pertencem.

“Como chegamos a esta instância?”, **Jaqueline Leite**, assessora da **Rel UITA** em questões de gênero e diversidade, se pergunta. “Na Regional, um importante número de companheiras vem participando ativamente -continua Jaqueline- gerando a ideia de aprofundar ainda mais sobre suas experiências, ressaltar os avanços e deixar claro o que for preciso melhorar.

Por isso, habilitamos pontos de encontro para conhecer em primeira mão seus trabalhos e sua militância no empoderamento de seus pares dentro e fora da organização sindical”, explica.

Ao mesmo tempo, a **Rel UITA** trabalha na inserção da comunidade **LGBTI** em nossas organizações filiadas e em nossas próprias estruturas. A primeira atividade aconteceu em 27 de agosto de 2016, no **Brasil**, e desde então os trabalhos se multiplicaram em vários países, ampliando o leque de participação desses trabalhadores e trabalhadoras, anexando novos desafios à agenda de nossa regional.

Um abraço virtual em plena pandemia

O seminário contou com a participação de 27 dirigentes sindicais da **América Latina**, do secretário regional **Gerardo Iglesias** e da secretária geral da UITA, **Sue Longley**.

Todas as companheiras se mostraram agradecidas pelo espaço e estavam visivelmente emocionadas de se verem, ainda que fosse através da tela do computador ou do celular.

"Para a **UITA**, que não economiza esforços para estar presente em diferentes problemáticas, e que faz da solidariedade um princípio sindical fundamental, esta situação de virtualidade nos parece incômoda e estranha", começou dizendo **Gerardo Iglesias**.

"As mulheres são as que mais sofrem nesta pandemia, pois a violência contra elas se exacerbou e os feminicídios aumentaram. Entretanto, são elas que se posicionam na linha de frente das redes de solidariedade surgidas em toda a **América Latina**".

Sue Longley parabenizou a Regional pela iniciativa, ao mesmo tempo que destacou a importância deste tipo de encontro. "Estou muito contente por estar com vocês e por poder ver todas as companheiras, por saber que continuam lutando, organizando a solidariedade", disse.

Entre as dirigentes mundiais de nossa organização, a participação de **Rosecleia Castro**, vice-presidenta do Comitê Executivo Latino-Americano, de Gisele Adão, vice-presidenta do Comitê Mundial de Trabalhadores e Trabalhadoras **LGBTI** da **UITA** e de **Mônica Buffon**, presidenta do Comitê Mundial de Jovens foram destaque.

Experiências coletivas

Todas as participantes e os companheiros homens que se uniram ao seminário puderam se expressar sobre esta nova modalidade de trabalho à distância, devido às restrições impostas por esta crise sanitária sem precedentes, dando um pontapé inicial para um novo projeto que buscará fortalecer os laços de comunicação e de trabalho entre as mulheres da **UITA**.

Uma proposta de fortalecimento através da troca de experiências, isto é **A Clamu visita você!**

O propósito geral do projeto é visibilizar as reivindicações e as necessidades das mulheres e da comunidade **LGBTI** no contexto do trabalho. Entretanto, o objetivo específico é socializar as experiências das afiliadas, mostrando quais foram as atividades com enfoque de gênero e diversidade realizadas dentro de seus sindicatos.

As organizações filiadas à Regional possuem inúmeros exemplos de trabalhos desenvolvidos nesse sentido, como por exemplo a **Marcha das Margaridas** e os encontros sobre diversidade no **Brasil** e em **Honduras**, os seminários de mulheres de várias filiadas da **Argentina**, bem como experiências de inclusão de cláusulas específicas nas Convenções Coletivas na **Colômbia** e a criação do **Clamu-G** na **Guatemala**.

Todas estas experiências, podemos tomá-las como exemplos e ampliá-las a todos os outros países da região, para começarmos a tecer uma verdadeira rede baseada no conhecimento empírico, alavancando, com aquela vontade que só as mulheres podem e sabem exercer.

MULHERES SINDICALISTAS, DA INDIGNAÇÃO À LUTA

Na quarta-feira, 2 de setembro, realizou-se a primeira etapa do projeto Intercâmbio de Experiências Sindicais: Mulher e Diversidade. Clamu te visita! que constará de outras quatro reuniões que acontecerão todas as quartas do mês de setembro.

AMALIA ANTÚNEZ

Se Deus fosse mulher não se instalaria
Solitária no reino dos céus
Mas nos aguardaria no saguão do inferno
Com seus braços não cerrados,
Sua rosa não de plástico,
E seu amor não de anjo.

(Fragmento do poema Se Deus fosse mulher, **Mario Benedetti**)

O encontro, feito em modalidade virtual, contou com a participação de mais de 80 pessoas, entre dirigentes sindicais e convidados de diferentes sindicatos de oito países da região, e também da **Europa**.

Nessa oportunidade, o **Comitê Latino-americano da Mulher da UITA (Clamu)** visitou o Sindicato de Trabalhadores da Palma **(SITRAPA)** da **Costa Rica**; a Confederação Democrática Brasileira de Trabalhadores da Alimentação (Contac-CUT) do Brasil e a União Pessoal Auxiliar de Casas Particulares **(UPACP)** da **Argentina**.

Dania Obando, Geni Dalla Rosa e **Carmen Brítez** compartilharam as experiências vividas por suas organizações sindicais e que contribuíram para o empodeiramento das mulheres, tanto no âmbito do trabalho como na participação no sindicato em si.

Embora as histórias dessas mulheres são diferentes em termos do lugar de origem e realidade social, nelas se entrelaçam essas mesmas lutas, esses mesmos desafios, dificuldades e discriminação cotidianos.

Entretanto, há também a indignação, os sonhos e a rebeldia de se saberem capazes de enfrentar tudo o que tiverem que enfrentar daqui pra frente, embora ainda em pleno século XXI tenham que continuar provando que são capazes.

Unidas pela **Regional Latino-americana da UITA**, as trabalhadoras não recuam diante da nova realidade imposta pela pandemia do Covid-19. Elas vão além, e continuam se organizando, se solidarizando e se conectando como podem.

O Seminário desta quarta foi um claro exemplo desse engajamento, destacado pela histórica dirigente da **UITA Barbro Budin**, que participou da **Suécia** e por **Julie Duchatel**, coordenadora de Género e Igualdade da **UITA** em Genebra, **Suíça**.

Ambas coincidiram que da **América Latina** sempre sopram ventos de esperança e de mudança.

As expositoras

A jovem dirigente **Dania Obando** contou como consegue driblar a forte postura antissindical da empresa onde trabalha, cada vez que tem que realizar alguma atividade para a sua organização sindical. Além desse problema, estão os escassos recursos para levar adiante tarefas como a filiação de novos membros, a logística para se locomoverem entre as fazenadas, e ainda está o seu papel de mãe solteira.

"As mulheres estão em mil atividades diferentes, e pessoalmente eu fui me capacitando no ambiente sindical graças à **Fentrag** e à **Rel UITA**, ao **Gerardo Castillo**, ao **Frank Ulloa**, ao **Gerardo Iglesias** e à **Jaqueline Leite** que me assessoram e capacitam permanentemente", disse ao finalizar sua exposição intitulada **'O poder da mulher'**, mostrando sua experiência pessoal como militante que a levou a ocupar o cargo de Secretaria Geral do seu sindicato.

Geni Dalla Rosa, expôs sobre a importância e a necessidade da capacitação sindical e política das mulheres como ferramenta fundamental para abrir espaço em um mundo endemicamente machista.

Ela lembrou de sua própria formação sindical nos Círculos de Estudo que a **Rel UITA** ministrava no **Brasil**, inclusive em plena ditadura. Homenageou a memória de **Enildo Iglesias** (ex-secretário regional) com carinho e admiração, por ter sido o seu mestre e guia no sindicalismo.

Atualmente, e depois de ser durante vários períodos presidenta de seu sindicato, **Geni** ocupa o cargo de secretária de Educação na Contac, é ela agora a encarregada de formar os novos quadros de homens e mulheres que buscam se integrar com equidade.

Já **Carmen Brítez** falou sobre os impactos da quarentena obrigatória em seu país devido à pandemia, e seus efeitos em um setor quase totalmente feminizado.

"Conseguimos que os salários fossem pagos e que os protocolos necessários fossem adotados, por uma maior segurança das companheiras que continuam trabalhando, e também habilitamos 25 novas linhas de atendimento no sindicato. Porém, a realidade ainda nos fere, diariamente, não só com relação à Covid-19, mas também com relação à falta de emprego, com suas consequências más imediatas, como a pobreza e a fome", destaca **Carmen**.

A dirigente informou que continuam proporcionando os serviços médicos graças à obra social do sindicato, porém com a crise sanitária que levou a uma crise econômico-social, a situação de vulnerabilidade deste coletivo de trabalhadoras se vê agravado, sendo, portanto, necessário duplicar esforços para enfrentarmos o que vem pela frente.

Este Seminário virtual -o primeiro de um ciclo de cinco- que reuniu referentes e novas dirigentes, tanto as mais experientes como as mais novatas militantes, contou também com a presença de companheiros homens unidos à causa e faz parte de uma experiência coletiva, encabeçada por mulheres trabalhadoras, com a firme convicção que defendendo os direitos de todos e todas é a única forma de se gerar uma sociedade mais justa, digna e igualitária.

NOVAS FORMAS, AS MESMAS LUTAS

Adaptando-se às novas modalidades de trabalho e driblando uma falha técnica aqui outra acolá, o Seminário Experiências Sindicais: Mulher e Diversidade. Clamu te visita!, realizou sua segunda reunião virtual nesta quarta-feira, 9 de setembro.

AMALIA ANTÚNEZ

Com a participação de cerca de 75 dirigentes sindicais de diversos países da região, o encontro socializou três novas experiências de empoderamento das mulheres em suas organizações e em seus locais de trabalho.

Rosecléia Castro, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação de Campinas **(SITAC)** e vice-presidenta do **Comitê Executivo Latino-americano da UITA** iniciou o encontro informando como passaram de ter 10 por cento de mulheres nas linhas de produção da **PepsiCo** -empresa para a qual trabalha- **a ocuparem 50 por cento dos cargos, com carteira assinada e igualdade de direitos.**

"Em que pese tenha sido uma iniciativa pessoal, ir denunciar na gerência da empresa o fato de as mulheres não contarem com promoções, embora realizassem as mesmas funções, e de sermos discriminadas com relação aos nossos companheiros homens. Foi, então, com o apoio do sindicato que pudemos transformar a nossa realidade, nesse caso em particular", lembrou **Rose**.

Entretanto, para ela, a realidade das mulheres brasileiras dentro dos sindicatos ainda é muito desigual e nesse sentido, **Rose** propôs realizar um levantamento para saber quantas mulheres sindicalistas estão em postos de relevância atualmente.

"Acredito que ainda nos falta muito para chegarmos a uma verdadeira representatividade em nossas organizações sindicais. Avançamos muito, e devo destacar o papel da **UITA** nesse progresso", destacou.

Em uma, todas

Laura Díaz, tesoureira da Comissão Diretiva Nacional do Sindicato da Indústria do Gelo e dos Mercados Hortifrutiferos Particulares da República Argentina **(STIHMPRA)**, relatou sua experiência pessoal no desenvolvimento sindical, no combate à discriminação, que conseguiu vencer com o apoio de seus companheiros e companheiras, que a levaram a ser a principal organizadora dos Encontros Nacionais de Mulheres do setor.

"Apesar de não formar parte da secretaria de Gênero de meu sindicato, considero estes encontros de mulheres como um momento para promovermos a incorporação de mais trabalhadoras nos espaços sindicais, porque considero que nós mulheres somos muito importantes em todos os âmbitos e, ao longo desses anos, percebi que em uma, estamos todas", manifestou emocionada.

Laura reconheceu o espaço que o seu Sindicato lhe oferece, bem como o apoio de seu secretário geral para esta tarefa, mas valorizou principalmente a confiança e o apoio que recebe das mulheres trabalhadoras que a acompanham nesses projetos.

"Em cada encontro somos mais e saímos dessas instâncias mais fortalecidas, como será com este seminário e com os próximos, sairemos mais fortes, mais solidárias, mais unidas para continuarmos trabalhando juntas por nossos direitos", destacou.

Mãos que unem e levantam

Maria dos Anjos Hellmeister, "Mariazinha" como todos a conhecem, é diretora da Confederação Nacional de Trabalhadores de Turismo e Hospitalidade (**CONTRATUH**) e presidenta de seu sindicato o **SINDIBELEZA**, que reúne profissionais de todos os salões de beleza e estética.

"O que as minhas companheiras disseram antes, sobre a unidade e a solidariedade entre as mulheres e sobre essa capacidade de que quando uma cai, a outra lhe dá uma mão para ajudá-la a se levantar, isso se chama sororidade e eu gostaria de trazer este termo para esta reunião, porque creio que é pertinente e que este espaço forma parte da tão necessária e pouco mencionada sororidade", começou dizendo **Mariazinha**.

A experimentada dirigente enumerou as diferentes ações sindicais promovidas tanto pela Contratuh como pelo seu sindicato, com perspectiva de gênero.

"Há vários anos, a Confederação assumiu a responsabilidade de visibilizar as diversas formas de violência contra as mulheres e ano a ano realiza seminários e oficinas de capacitação sobre o assunto, **além disso promove campanhas nacionais contra o turismo sexual, obtendo um enorme sucesso"**.

Mariazinha recordou que graças a esta campanha puderam desmantelar uma rede de exploração sexual vinculada ao turismo durante a realização da última Copa do Mundo no Brasil e dos no Jogos Olímpicos (2014-2016).

Por outro lado, a dirigente lembrou que seu setor, tanto como o do turismo, o da gastronomia, e o da hotelaria, foram duramente atingidos pela pandemia e as trabalhadoras e os trabalhadores dos salões de beleza e estética formam parte dos grupos mais vulneráveis, pois são pequenos e micro empresários, que **"se não trabalham não recebem nenhum tipo de renda"**, explicou a dirigente.

"Se não tivéssemos o apoio do sindicato em momentos como este, a situação seria ainda mais trágica", disse **Mariazinha** que concluiu sua

participação parabenizando a **Rel UITA** pela iniciativa de criar pontes e de tecer alianças entre as mulheres do **Clamu**.

Todas as palestrantes da segunda etapa do Clamu visita você concordaram em que se sentem orgulhosas de serem sindicalistas, de serem mães, de serem avós, de serem filhas, de serem trabalhadoras, enfim de serem mulheres com toda a fortaleza e dimensões que isso implica.

UMA EM TODAS E TODAS EM UMA

Uma crônica sobre mulheres diversas, empoderadas e valentes que vão construindo história Nesta quarta-feira 16 de setembro, realizou-se o terceiro capítulo do projeto Troca de Experiências Sindicais: Mulher e Diversidade Clamu te visita! Como aconteceu nas últimas quartas de setembro, a jornada começa com uma intensidade diferente. Há que organizar os detalhes relacionados com a parte técnica, testar o funcionamento dos microfones, que a interpretação ao português e ao espanhol funcione como corresponde e, obviamente, rezar para que a deusa Internet não falhe.

AMALIA ANTÚNEZ

Em época de pandemia, onde a virtualidade passou a ser protagonista em nossas vidas e importante ferramenta para o desenvolvimento de nosso trabalho, ter internet com boa conexão passou a ser algo fundamental.

O encontro é às 13h, mas a sala de espera abre um tempinho antes para poder receber as palestrantes, coordenar os detalhes que faltam até que todos já estejam presentes e então começar. Desde a primeira quarta-feira, superamos os 70 participantes.

As primeiras em chegar sempre são **Samara** e **Daniela**, uma do **Brasil**, a outra da **Argentina**, dirigentes sindicais de base que estão atentas a tudo o que é dito durante as duas horas do Seminário virtual.

Depois, em pequenos grupos, as participantes vão chegando e vamos reconhecendo seus rostos e sorrisos, outrora mais próximos. **Rosecléia Castro** e **Laura Díaz** contagiam com seu entusiasmo e sua emoção, sempre à beira das lágrimas.

Dessa vez as palestrantes foram **Mónica Cáceres** e **Viviana Córdoba** do Sindicato dos Trabalhadores da Alimentação **(STIA)** da **Argentina; Saray López** e **Lisseth Traña**, do Sindicato dos Trabalhadores da Industria da Cana-de-açúcar no Engenho Taboga **(Sitraica)** da **Costa Rica** e **Adela Torres**, do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Agroindústria (**Sintrainagro**) da **Colômbia**.

Jaqueline Leite, do **Clamu** e moderadora dos encontros, vai cumprimentando uma a uma, até ter cumprimentado todas as participantes, sempre com seu simpático espanhol abrasileirado, e com sua calorosa alegria, característica esta que o frio inverno uruguaio não conseguiu apagar.

Os companheiros homens são poucos e por isso merecem uma menção especial: **Ulises, Nelson, Gabriel, Osman, Giorgio, Cadu, Eduardo, Frank**, "os 2 **Gerardo**", **José e Daniel** (na parte técnica e por detrás dos bastidores) são os companheiros que não faltam nunca, não só presencialmente durante esses encontros, mas também no dia a dia do trabalho sindical, e com seu apoio às suas companheiras dirigentes.

Como mencionei anteriormente, a atividade sempre conta com mais de 70 participantes por encontro, portanto é impossível eu conseguir mencionar todos e todas, entretanto enquanto escrevo esta crônica vêm à minha mente os rostos de **Joanas, Fátimas** e **Marias,** de **Genís, Giseles, Martas, Irinas** e **Danias;** de **Ericas, Suely, Blancas, Emmys** e **Julies;** de **Marinas, Franciscas, Delmis** e **Odilias;** de **Marlenes, Maribeles,** e **Mirians.**

Mulheres bonitas, empoderadas, diversas e valentes, que com seu trabalho e tenacidade souberam abrir espaços em lugares onde imperam o machismo e a discriminação.

As experiências compartilhadas nessa quarta-feira revelaram histórias de superação e de luta, não apenas contra o machismo, contra a discriminação e contra a violência, mas também contra a falta de oportunidades, como no caso de **Adela Torres**, do histórico **Sintrainagro**, cuja presença nos municípios do eixo da produção de bananas da **Colômbia** transformou a vida e a realidade de milhares de mulheres.

Programas de educação e de capacitação para o mercado de trabalho, o acordo entre o **Sintrainagro**, a empresa **Banacol** e a **Rel UITA**, convênios com empresas produtoras de bananas da região e cláusulas específicas em convenções coletivas para a incorporação de mulheres em postos de trabalho nas fazendas, são apenas algumas das ações do Sindicato para empoderar as mulheres dessas comunidades.

Na **Argentina**, a **FTIA** e o **STIA** se mantêm alinhados à agenda promovida pelo movimento feminista e a cada março realizam manifestações e jornadas pelo dia internacional das mulheres, visibilizando as diferentes formas de violência contra este coletivo, dando ênfase à violência e ao assédio sexual no trabalho.

A história das dirigentes do **Sintraica** possui duas particularidades: a primeira é ser o único sindicato com convênio coletivo da indústria açucareira em **Costa Rica** e a segunda, ser o único sindicato dirigido por mulheres desde sua fundação, sendo mais de 90 por cento dos filiados homens.

A tarefa dessas trabalhadoras para afiliar, dar apoio e assessoramento aos trabalhadores por safra, em sua maioria migrantes da **Nicarágua**, é titânica e totalmente meritória.

O relógio parece que corre más rápido quando a prosa é tão boa que, sem percebermos, já são 3 da tarde. Há que encerrar o seminário. As plataformas digitais sabem que tempo é dinheiro e, atingido o tempo contratado, fecham a sala sem sequer avisarem.

Conseguimos nos despedir dizendo todas juntas: Até quarta! Algumas fazem corações com as mãos, outras levantam seus punhos em sinal de vitória, outras dão adeus ou lançam beijinhos em suas telinhas, para então encher os grupos de WhatsApp com mensagens que perpetuam o encontro.

Volto então aos meus afazeres da secretaria, pensando que no fim das contas a sororidade se faz projeto, porque é o resultado de uma construção coletiva de mulheres, que em uma somos todas.

EXPERIÊNCIAS QUE MOBILIZAM

A quarta etapa do projeto Intercambio de Experiências Sindicais Mulher e Diversidade: Clamu te visita! esteve marcada por fortes e mobilizadoras histórias.

AMALIA ANTÚNEZ

"Hoy ella se ha puesto color en las pestañas
Hoy le gusta su sonrisa, no se siente una extraña
Hoy sueña lo que quiere sin preocuparse por nada
Hoy es una mujer que se da cuenta de su alma"
(Fragmento da música Ella de Bebe)

Os anfitriões dessa quarta-feira, 23 de setembro, foram **Maria Felícia Castro** da Federação dos Trabalhadores Assalariados Rurais do Rio Grande do Sul (**FETAR**); **Marta Anariba** presidenta do Sindicato dos Trabalhadores do Instituto Nacional Agrário (**Sitraina**), **Gisele Adão** e **Eduardo Medeiros** do Sindicato dos Trabalhadores da Industria da Alimentação de Criciúma e Região (**SINTIACR**).

Uma nervosa **Felícia** -que realizava sua primeira exposição em um seminário- abriu a jornada contando sobre o avanço do papel das mulheres no fortalecimento dos sindicatos. **As dificuldades que enfrentam as trabalhadoras rurais e as mulheres do campo que não só sofrem discriminação como também muitas vezes não recebem sequer remuneração por seu trabalho.**

"O ponto de inflexão para começar a avançar na participação das trabalhadoras nos espaços sindicais foi o encontro com a **Rel UITA** e a **CONTAR**. A partir do trabalho que desenvolvemos conjuntamente em vários sindicatos de trabalhadores rurais captamos a participação de mais mulheres para a organização e iniciamos um projeto com as esposas de peões rurais com um excelente resultado e começamos uma tarefa de aproximação com os **sindicatos** do **Uruguai**", relatou.

O sindicato de **Felícia** armou um projeto para que mulheres rurais vendessem produtos artesanais confeccionados por elas, como una forma de aumentar a renda do lar e de ter certa independência econômica.

"Este trabalho é muito gratificante porque nos permite nos aproximar das companheiras e dessa forma aproximá-las da organização sindical. Agradecemos ao **Clamu** e à **Rel UITA** por este espaço e por todas as portas que nos abrem".

Ser nós mesmas

Como dizer que a seguinte expositora conseguiu emocionar todos nós, um momento único. **Marta Anariba** é uma dama, forte e lutadora, que soube abrir o seu caminho em um mundo sindical machista, até chegar a ser a primeira mulher a presidir o **Sitraina.**

Sua história, é em si mesma, uma experiência de superação e de empoderamento da mulher. Vítima de discriminação e de violência doméstica, **Marta** soube reposicionar-se diante dos desafios impostos pela vida em **Honduras**, uma vida marcada pela desigualdade social, fruto de sucessivos governos corruptos e de um modelo econômico selvagemente neoliberal.

"Meu marido não estava de acordo com o fato de eu me dedicar às atividades sindicais, nem que eu saísse para protestar por democracia, logo depois do golpe de Estado de 2009 e isso me custou o matrimônio, sofri agressões por parte do pai de meus filhos e até fui presa", conta com a voz embargada pela emoção.

As palavras de apresentação de sua amiga Lenissa a levaram a outros tempos, os difíceis, os do medo e os da dor. E por isso, Marta não controla as lágrimas e com ela choramos várias.

"Eu fico assim emocionada -se desculpa- porque contar tudo o que passei, me faz lembrar de tudo o que pude superar e dou ânimo a todas vocês para continuarem lutando, para sermos nós mesmas, e que ninguém nos diga que não podemos fazer, porque sim podemos", destaca.

"Obviamente, que em meu caminho tive a ajuda de muitas pessoas e organizações, como a ativista **Gladys Lanza**, como da própria **UITA** que me animou a estar onde hoje estou no movimento sindical, agradeço ao companheiro **Giorgio Trucchi** que está sempre que precisamos dele no **Sitraina**, e a todos vocês que estão me acompanhando agora".

Marta encerrou sua exposição com uma frase que contagiou todos os participantes: **"Quando nos jogarem aos lobos, voltaremos liderando a manada"**, disse.

Únicos mas diversos

Encerrando a jornada, **Gisele Adão** e **Eduardo Medeiros**, sindicalistas e ativistas

LGBTI, contaram como conseguiram colocar no debate de seu sindicato a pauta dos direitos da comunidade **LGBTI**.

Apesar de serem respeitados por seus companheiros e companheiras de trabalho no frigorífico e de contar com um amplo histórico de defesa dos direitos trabalhistas em seu setor, igualmente sentiram o preconceito quando tiveram que falar da comunidade **LGBTI**, principalmente vindo de seus pares no sindicato.

"Quando organizamos o primeiro Encontro da Diversidade com o apoio da Rel UITA e da **Union To Union (Suécia)**, nos topamos com uma grande muralha de preconceitos que não tínhamos previsto", lembra **Gisele**.

"Na hora de entregar os panfletos que convidavam para a atividade, muitos dirigentes de nosso sindicato se negaram, porque sentiam vergonha", afirmou **Eduardo**.

Ambos coincidiram em que foi a aproximação com a **Rel UITA** o que os colocou no caminho para atender as reivindicações da comunidade dentro do ambiente de trabalho.

O depoimento de duas mulheres trans, e o de um pastor evangélico destacando o trabalho do sindicato demonstra que a inclusão continua sendo a melhor maneira de fazer sindicalismo.

"Nosso sindicato na figura de **Célio Elias** nos abriu a primeira porta, mas foi com a **UITA** que conseguimos transcender e chegar cada vez a mais organizações e a demonstrar a necessidade de incluir as pessoas **LGBTI** na hora de reivindicar direitos", recalca **Gisele**.

Ela, que é a vice-presidenta do **Comitê Mundial de Trabalhadores LGBTI da UITA**, conseguiu em pouco tempo, com seu carisma e dedicação levar a causa para além das fronteiras.

"Nós convidados todas e todos a que debatam, a que incluam os companheiros e companheiras dessa comunidade em suas organizações, porque não é preciso ser da causa para defender a causa", manifestou emocionada.

Ambos dirigentes agradeceram a **Jaqueline Leite** por "lhes dar polimento" em seu caminho sindical e por estar aí sempre que eles precisam.

A solidariedade como bandeira

Este capítulo teve um espaço especial para **Odilia Caal Có**, dirigente guatemalteca que foi brutalmente espancada por capangas da empresa maquiladora **Winner Textil** e obrigada a renunciar ao sindicato.

A **UITA** está denunciando internacionalmente este acontecimento e começará uma campanha de apoio à trabalhadora.

Antes do encerramento do capítulo dessa quarta, houve tempo para um intercâmbio com os participantes, e foi aí onde pude ver que mesmo que estas fossem as histórias de **Marta**, de **Eduardo** e **Gisele**, de **Felicia** e **Odilia**, podiam ser a história de todas nós.

Por isso nos emocionaram tanto, porque os que acreditamos em um mundo melhor, mais equitativo e solidário, sabemos que quando nos machucam, voltamos em manada para liderar a luta.

SEMENTES DE RESISTÊNCIA

Finalmente chegou a última quarta-feira de setembro e com ela o encerramento da jornada -não antes sem uma saudade antecipada- o ciclo Intercâmbio de Experiências Sindicais: Mulher e Diversidade! Clamu te visita!

AMALIA ANTÚNEZ

Nesta edição as expositoras foram **Emmy Meza, Delmy Aguilar e Odilia Caal Có** pelo **Clamu G** da **Guatemala**; e Maria José Morais "Mazé", secretaria das Mulheres Trabalhadoras Rurais da **CONTAG** do **Brasil**.

As companheiras do **Clamu G** relataram como, através da **Festras**, chegaram até a **Rel UITA** para formarem esse espaço de aprendizagem, resistência e luta.

Um lugar onde se enfrenta a discriminação e o machismo em uma sociedade acostumada a invisibilizar a mulher.

Mas, não se detiveram apenas em sua história de empoderamento, também trouxeram novas propostas para se rearmarem, tanto é assim que quando acabarem as restrições motivadas pela pandemia, irão solicitar que o **Clamu G** se transforme em pessoa jurídica.

Odilia se uniu às declarações visivelmente abalada com a resposta dada a ela pela justiça de seu país, diante das denúncias apresentadas em decorrência das agressões sofridas, no dia 7 de setembro passado.

Com lágrimas de indignação e impotência, **Odilia** contou que lhe disseram que o que ocorreu foi devido ao fato de ela andar metida no sindicalismo. **Há quase um mês um grupo de funcionários da empresa Winners Textil**, entre eles a diretora de Recursos Humanos (**Alicia Sajche**

Ajpop), **a espancaram brutalmente, obrigando-a a assinar a renúncia ao Sindicato**.

Mas, mesmo em seu atual estado de vulnerabilidade, **Odilia** participou do seminário para dizer a todas nós que, ainda que sua situação seja complicada e que ela tema por sua vida e pela de sua família, nunca antes havia se sentido tão querida e tão protegida como está sendo pelas companheiras e pelos companheiros da **Rel UITA**, do **Stecsa** e da **Festras**.

"Nunca pensei que ia ter a força para enfrentar este momento que me tocou viver e é graças a todas vocês que estou conseguindo, e também é graças a vocês que agora entendo o que é a sororidade", disse emocionada.

E enquanto ela falava, podíamos ver no rosto de várias das participantes a mesma emoção e a mesma indignação de Odília, sentimento que no encerramento do encontro puderam expressar e compartilhar.

Milhares de Margaridas

Ao grito de **"As Margaridas não fogem à luta", Mazé Morais** narrou um pouco da gênese da histórica marcha que ocorre a cada quatro anos em Brasília, e que neste incomum 2020 cumpriu duas décadas.

Muitas das mulheres que participaram do seminário **Clamu** te visita! tiveram a oportunidade de formar parte da marcha de 2019 que reuniu mais de 90.000 mulheres rurais, às quais se uniram também as trabalhadoras urbanas e uma delegação internacional de peso.

Esta mobilização, que começou no início do século XXI, é até hoje a maior manifestação de trabalhadoras rurais da **América Latina** e sua pauta de reivindicações -que é entregue ao presidente ou presidenta de turno- conseguiu avançar na criação de diversas políticas públicas que beneficiam as mulheres rurais do **Brasil**.

Sua articulação com outros movimentos sociais, como o feminista, conseguiu desafiar o governo autoritário de **Jair Bolsonaro**, e em 2019 um mar de mulheres inundou as avenidas da capital brasileira e o célebre Planalto Central.

Apesar de neste ano não haver tido uma pauta, pois não há governo para negociar, estas mulheres demonstraram seu poder de mobilização e deixaram claro que defenderão a democracia superando a barreira de qualquer fronteira.

"**A Marcha das Margaridas** leva esse nome em homenagem à **Margarida Maria Alves**, dirigente rural assassinada pelo seu ativismo em prol dos assalariados e assalariadas rurais de seu estado", explica **Mazé**, e que não tem nada que ver com a flor, ainda que esta tenha passado a ser usada como logo da marcha.

Mazé encerrou sua apresentação convidando todos e todas as participantes do seminário virtual para a próxima Marcha em 2023.

Enquanto transcorria a apresentação das Margaridas, todas aquelas que em algum momento formaram parte dessa imensa construção coletiva reviveram a força e a energia que transmite.

Um até logo!

Mas, como tudo o que é bom dura pouco, havia que se despedir. Esta foi uma despedida emotiva e feliz porque cada uma foi embora com a certeza de que outros encontros chegarão e que este é só um até logo.

"Nós mulheres somos como gotas d'água, quanto mais nos juntamos, mais fortes e grandes somos", disse alguém e acredito que essa frase define com sabedoria o nosso seminário.

Que assim seja! Que cada uma de nós seja gota e que este primeiro intercâmbio de experiências se converta em manancial.

Terrorismo e violência na Winners Textil

NÓS, TODAS E TODOS, SOMOS ODÍLIA CAAL CÓ

GERARDO IGLESIAS

Odília Caal Có, secretária geral do Sindicato dos Trabalhadores de Winner (Sitrawinner), foi retida de forma violenta em um dos escritórios da empresa, sofrendo golpes físicos e fortes ameaças, até conseguirem obrigá-la a assinar sua renúncia ao sindicato. Winners Têxtil, propriedade de capitais coreanos, maquila para várias empresas muito conhecidas internacionalmente. Nesse microcosmos, a perseguição sindical se caracteriza por suas práticas de assédio pesado e violência selvagem.

"A direção da empresa é violenta demais e estão dispostos a tudo para acabar de vez com o sindicato", relata nossa filiada, a Federação Sindical de Trabalhadores da Alimentação, Agroindústria e Similares **(Festras)**.

Odília já tinha sido vítima de um outro ataque. Em 10 de março passado, ela estava no escritório do sindicato, que fica dentro da empresa, quando dois trabalhadores filiados ao sindicato patronal entraram com violência e começaram a agredi-la.

Segundo consta nas denúncias efetuadas oportunamente perante as autoridades do Ministério Público, **Odília** sofreu severos golpes no rosto, nas costas, e chutes nas pernas, apresentando marcas do espancamento. Enquanto agredida, era também insultada e ameaçada de ser enxotada da empresa a chutes e pontapés.

Naquele momento, a companheira **Yorneli Patzan**, em seu quinto mês de gravidez, também foi agredida na frente de vários trabalhadores.

A violência como sistema

A história voltou a se repetir na segunda-feira, 7 de setembro. Diretores do sindicato recebiam nesse dia uns companheiros que conseguiram ser reintegrados judicialmente, dois anos depois de terem sido injustamente despedidos.

A empresa contra-atacou, manipulando seus funcionários com o argumento de que a reinstalação e o pagamento dos salários faltantes provocariam o fechamento da maquiladora.

No dia da reintegração dos funcionários, um grupo de trabalhadores sequestraram **Odília** e, em patota, a arrastaram para os escritórios administrativos, onde a espancaram brutalmente.

Um dos coreanos donos da maquila se ausentou da fábrica, deixando assim "o terreno livre" para que seus gângsteres de recursos humanos "agilizassem" a papelada da renúncia.

"**Odília** aguentou o máximo que pôde, sofrendo múltiplas lesões, mordidas e uma fratura de costela, que afetaria o seu pulmão; seu corpo está cheio de hematomas. Pois, foi brutalmente espancada", informa **Festras**.

Esta maquiladora fica no município de Mixco, a uns 20 quilômetros do centro da cidade de **Guatemala**, e a uma distância longa, ampla e profunda de toda dignidade humana.

Odília: você precisa saber que não está sozinha!

A TRIBUNA DE MATAGALPA

GERARDO IGLESIAS

Depois da quinta e última edição do **Clamu te visita**, a companheira **Karelia Vásquez**, do Sindicato dos Trabalhadores dos Produtos Lácteos SA (**SINPROLAC**), enviou um emotivo áudio que transcrevemos a seguir.

"Hoje não pudemos falar, é compreensível, o tempo é curto e éramos muitas as companheiras com quem queríamos falar.

Queremos agradecer o convite que nos fez a **UITA**, agradecer-lhes por sua consideração. O seminário foi de grande importância, uma capacitação para aprender, para se empoderar como mulher e se encher de valor, para não ficar calada diante da dor e para poder ajudar as que não têm voz.

Eu adorei, foi uma capacitação muito linda. Agradeço também ao companheiro **Marcial Cabrera**, que sempre está com a gente, nos dando um importante apoio.

Obrigada às companheiras que expuseram suas questões, muito bonito, que nos enche de emoção, de paixão, e dão ânimo e foi

Aqui da Nicarágua, Nicaraguita, muito obrigada!"

Marilen Zeledón, Osman Salgado González, Marlon Mendoza, Marcial Cabrera e **Karelia Vásquez** | Fotos: **SINPROLAC**

SINDICALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA

O isolamento, somado ao vertiginoso avanço das tecnologias da informação, nos mostrou uma realidade, que embora já estivesse ao alcance de nossas mãos, ficou clara a partir de março deste ano, quando a Covid-19 chegou à América Latina. Tivemos de nos aprofundar nas TI, nós que já estávamos um pouco mais acostumados a ela, ou aprender bastante sobre elas, caso ainda não estivéssemos familiarizados.

AMALIA ANTÚNEZ

"Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada"

(Eduardo Galeano - Livro dos Abraços)

A Internet passou a ser, para muitos cidadãos do mundo, um objeto de primeira necessidade. Houve que acomodar rotinas, para compatibilizar o trabalho home office, e as atividades escolares com os afazeres da casa, coisa nada fácil.
A maioria dos locais comerciais, escritórios, colégios, hotéis, restaurantes, fecharam suas instalações, o transporte público diminuiu e de repente tivemos que começar a nos adaptar ao que alguém por aí batizou de "a nova normalidade".

Este novo momento, onde as pessoas já não sabem bem como se cumprimentar, e onde o distanciamento social é a chave para que o novo coronavírus não se propague vertiginosamente, colocou em xeque a mais de um, como por exemplo, as organizações sindicais.

De um golpe só, as organizações tiveram que deixar as amplas reuniões, as viagens para estarem presentes em determinadas atividades de formação ou de informação, para se adaptarem às novas modalidades de militância.

Novas formas de nos comunicarmos

Muitas atividades, principalmente as vinculadas aos setores mais atingidos, como o turismo e a gastronomia, viram suas fontes de renda enfraquecidas, devido aos fechamentos de inúmeras pequenas empresas, por não suportarem tantos meses de inatividade.

Houve que dar um giro de timão na forma de nos comunicarmos, porque já não havia reuniões presenciais neste ano, e quem sabe até quando assim será!
Por isso, foi preciso agarrar o que tínhamos em mãos para não perder o vínculo, tão necessário nestes tipos de organizações, e poder continuar trabalhando no aprimoramento das condições de trabalho, salariais e também de vida, visando a continuar denunciando situações de injustiça, de exploração, de violência e de desídia.

Um papel de protagonismo

O papel dos sindicatos no atual cenário é fundamental, porque com a crise financeira, os mais vulneráveis tendem a ser os mais atingidos.

Os empresários costumam jogar a redução dos custos nas costas dos trabalhadores e das trabalhadoras, em seus salários, em seus benefícios, em seus empregos.

E, dentro desse universo de vulneráveis e mais afetados, as mulheres se destacam, por ser um dos grupos mais atingidos pela pandemia.

Diante deste novo contexto, na **Rel UITA** surgiu a possibilidade de começar um ciclo de reuniões virtuais a partir da perspectiva de gênero e diversidade, por entender que são estes grupos, junto aos jovens, os que mais sofrem desemprego e/ou precarização do emprego existente.

Assim surgiu **A Clamu visita você!**, um espaço que, em sua primeira etapa, as filiadas à Regional puderam expor e compartilhar experiências de ações sindicais de empoderamento da mulher e do coletivo LGBTI nas organizações de trabalhadores, para depois traçar estratégias de luta que permitam uma refundação ou formulação da ação sindical.

O ciclo de encontros, realizado durante as quartas-feiras de setembro, conseguiu algo até agora inédito neste tipo de experiência virtual: **a permanência do público durante os cinco capítulos em que durou o seminário.**

Ser é estar conectado

Em todas as quartas, de 13h a 15h, horário de Montevidéu, **Uruguai** (sede da **Regional Latino-Americana**), cerca de 70 e 80 participantes, na maioria mulheres, conectavam-se via Zoom, para participar do encontro.

Houve uma média de duas a três palestrantes por jornada, e ao finalizar cada sessão, abria-se um debate para todas poderem trocar opiniões e aprendizagens.

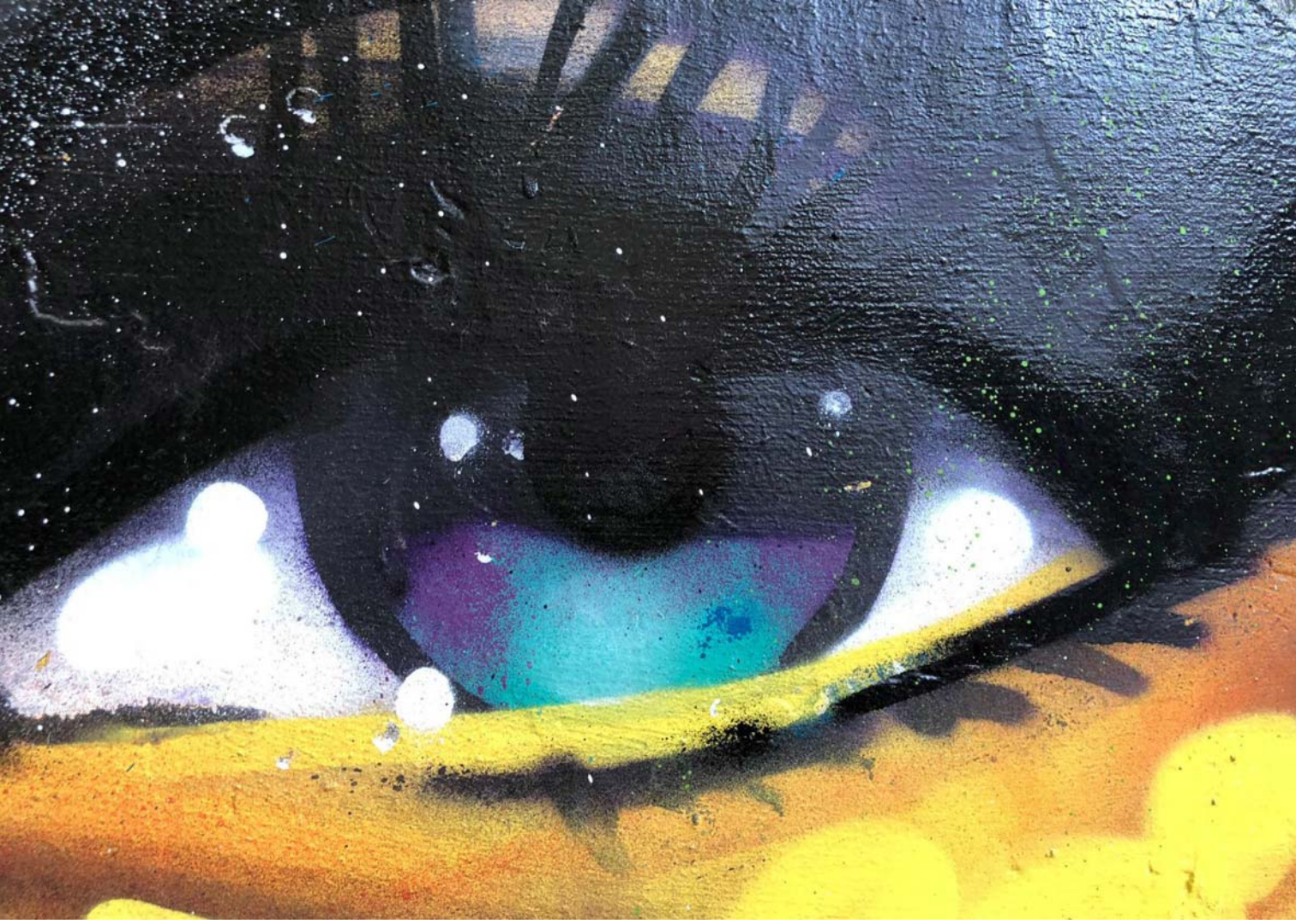
Mas, além das construtivas experiências expostas neste ciclo virtual e da presença permanente de um público cativo, o que nos deixa esta nova modalidade de nos reunir para nos organizar, embora pareça um clichê, é perceber que quando queremos, podemos.

Quando há vontade de crescer coletivamente, é possível driblar as barreiras impostas por esta nova realidade. Se nos negam o contato cara a cara, nos reuniremos tela a tela, nos abraçaremos com as palavras e nossos olhares reduzirão as distâncias.

Mas, será a nossa indignação comum e a nossa luta por um mundo com maior equidade o que realmente nos dará a força para voltar a nascer, nessa nova normalidade.

Os sindicatos têm que entender que terão de se reinventar para poder sobreviver neste novo cenário, para muitos hostil, que agiganta desigualdades, condena e mata, seja pelo coronavírus ou seja pela fome.

Em ambos os casos, o papel do movimento operário será crucial. Defender condições de trabalho que contemplem a saúde dos operários e das operárias, lutar para que o capitalismo selvagem não devore os empregos, e que os que mais têm no mundo não tenham ainda mais, serão os desafios destes tempos, onde ser não é só ser percebido, mas estar conectado.



créditos

TEXTOS	Amalia Antúnez y Gerardo Iglesias
IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO	Jaqueline Leite
REALIZAÇÃO	Azucena Marín
DESIGN	Héctor Servín
TRADUÇÃO	Luciana Gaffrée
EDIÇÃO	Nelson Godoy y Gerardo Iglesias
IMAGEM E FOTOGRAFIA	Daniel García, Allan McDonald y Gerardo Iglesias
PRODUÇÃO TÉCNICA	Daniel García
CLAMU - REL UITA	Montevideo - Buenos Aires, Novembro 2020

A pandemia por Covid-19 gerou em nós mudanças nas formas de nos conectarmos, surgindo a necessidade de girar o timão rapidamente também na maneira de nos comunicarmos, porque já não havia reuniões presenciais durante este ano, e não sabemos até quando isto continuará assim.

Diante deste novo contexto, a **Rel UITA** abriu um espaço para dar visibilidade ao trabalho das mulheres e da comunidade gênero diverso da Regional.

O ciclo denominado **Ronda Viva** expôs a realidade e os desafios enfrentados por estes grupos, na hora de levar adiante suas tarefas sindicais e a necessidade de tecer redes de trabalho conjunto, visando a fortalecer e a empoderar as mulheres e a comunidade LGBTI.

Foi a partir desse espaço e das necessidades de todas as companheiras e companheiros participantes da **Ronda Viva**, que nasceu **A Clamu te visita** um ciclo que, em sua primeira etapa, as filiadas puderam expor e compartilhar experiências de ações sindicais de empoderamento da mulher e da comunidade gênero diverso, nas organizações de trabalhadores, para depois traçar estratégias de luta.

Como uma reação em cadeia, a partir da **A Clamu visita você!** surgiu a ideia de se unirem aos **16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres** em forma de campanha regional, à qual incluímos a questão da **defesa e promoção dos direitos humanos**.

É assim que, a partir de 25 de novembro, Dia Internacional pelo Fim da Violência contra as Mulheres, até o dia 10 de dezembro, Dia dos Direitos Humanos, nós mulheres e a comunidade LGBTI da **Rel UITA** estaremos em campanha.

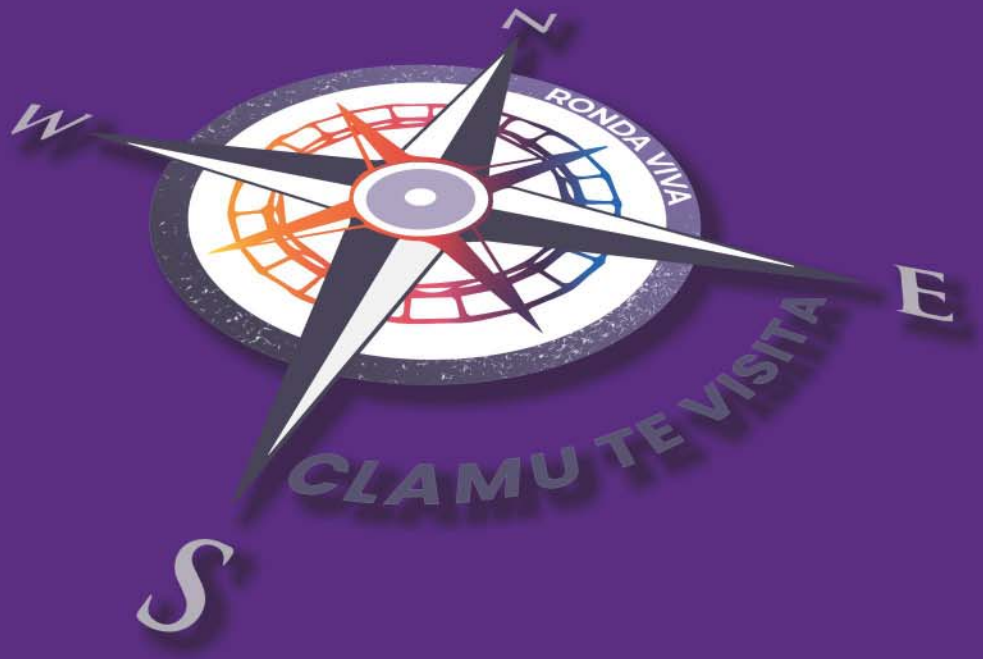
Sob o lema **"Eu tenho direitos. Quero igualdade e respeito"**, as organizações participantes elaborarão diversas peças como camisetas, lencinhos, adesivos, máscaras, entre outras ideias, para promover na sociedade a reflexão sobre as diferentes formas de violência vividas pelas mulheres e pelas pessoas LGBTI, tanto no mundo do trabalho, como na esfera familiar.

Una-se você também, por meio das nossas redes sociais:

@Rel_UITA

@regionallatinoamericanaUITA
@reluitabrasil
@ClamuRelUITA

@reluita



Rel UiTA

NOVEMBRO 2020